

De Saco Cheio

J. Roberto Whitaker Penteadó

Permitam-me, neste site, onde me sinto mais ou menos entre amigos, exclamar, como o grande poeta português, no seu Poema em linha reta: Arre, estou farto de semideuses! Onde é que há gente no mundo? Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra? Poderia, também, começar mais prosaicamente, ao estilo do meu colega e amigo Lula Vieira, nos seus artigos no jornal Propaganda & Marketing: estou mesmo é de saco cheio dessa gente que usa a propaganda (e o marketing) como bode expiatório de quase todas as mazelas do mundo.

Há dois tipos de críticos que me irritam ainda mais que os outros: os políticos e os intelectuais/acadêmicos. Explico logo que não quero generalizar e que me refiro a alguns políticos (embora sejam, aparentemente, muitos) e a certos intelectuais e acadêmicos.

Os políticos são aqueles que se aproveitam dos votos ingênuos ou incautos de suas bases eleitorais para fazerem de seus mandatos verdadeiras licenças para o crime e a corrupção impunes – e se utilizam de duas atividades perfeitamente legais, economicamente produtivas e socialmente responsáveis como as de P&M, em que a grande maioria de nós exercemos honradamente as nossas profissões, para acusar-nos de diversos malefícios e perversidades, assim desviando a atenção da sociedade dos seus malfazereres.

Os intelectuais e acadêmicos são, geralmente, os mesmos que se apresentam comprometidos com ideologias cujas bases teóricas não aceitam a economia de mercado, a livre-concorrência, as empresas privadas e outros ingredientes que fazem parte da sociedade brasileira tal como é concebida pela constituição em vigor. Pessoalmente, acho que têm todo o direito de não gostar de mim, da economia de mercado, da propaganda, do marketing, dos intervalos comerciais da TV Globo ou do Nizan Guanaes. O que eu acho que não podem – não têm, de fato, o direito de fazer – é de ser intelectual e academicamente desonestos, como certos personagens que se referem, publicamente, em jornais de grande circulação, a teorias furadas e falidas como a da persuasão subliminar – que nunca foram demonstradas cientificamente em qualquer foro internacional minimamente sério. Mesmo que já tenham tido acolhida em seminários organizados por alguns docentes de universidades brasileiras...

Estou nesta atividade há bastante tempo para tê-la conhecido em diversas fases. No tempo em que meu pai deixou os estudos de direito para tornar-se speaker de rádio e depois publicitário, meu avô tinha bastante vergonha de admitir para os amigos que ele não trabalhava em alguma coisa séria, como contabilidade, por exemplo. O falecido Geraldo Alonso, fundador da Norton Publicidade, contava que, no início da carreira, preenchia suas fichas, nos hotéis, pondo, como profissão, "comerciante". E grande, imensos profissionais, como Orígenes Lessa, Renato Castelo Branco, Rodolfo Lima Martensen e Ricardo Ramos buscaram compensação – e até sucesso profissional – como poetas, romancistas e ensaístas. Internacionalmente, o francês Jacques Séguéla escrevia, em 1979, sua biografia: Não digam a mamãe que sou publicitário porque ela pensa que toco piano num bordel.

Chega. Chega de distribuir essas etiquetas arbitrárias, apriorísticas, impeditivas até do próprio diálogo.

Há publicitários do bem e do mal. Como os há na área de marketing –como há médicos, dentistas, sacerdotes, feirantes, diplomatas, bibliotecários, cientistas, lixeiros, dirigentes de ONGs, jornalistas – profissionais de todas as áreas da atividade humana que merecerão um prêmio Nobel e/ou a canonização, ou a execração e o opróbio eternos.

Há, hoje, cerca de 2 mil escolas de administração e de comunicação que formam, anualmente, algo em torno de 100 mil jovens profissionais que se vão dedicar a áreas relacionadas à publicidade e ao mercado. A grande maioria poderá dar uma ótima contribuição ao progresso econômico e social do país. E não posso de qualquer forma imaginar porque não venham a ter muitos motivos para orgulharem-se das profissões que escolheram. Exatamente como podem e devem orgulhar-se todos aqueles que as exercem neste exato momento.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=60&ID=466>>.
Acesso em: 24 jul. 2009.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais